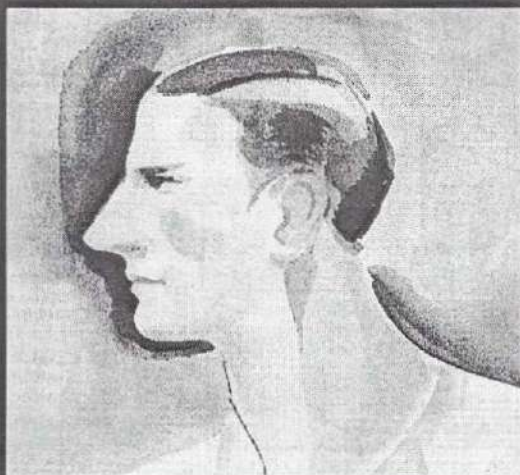




Duas notícias sobre Ismael Nery,
no início do século XX:
Um Comentador da Natureza

Bruno de Menezes
Escritor paraense





Belém vai assistir, nos dias que se seguem, além de hoje, às 10h da manhã, ao curioso e interessante espetáculo da "première" de uma exposição de pintura, a realizar-se no salão de entrada do Pálace Teatro, pelo pintor brasileiro Ismael Nery.

Constituirão nota imprevista e enigmática estas horas de arte, porque a nossa selecionada assistência a essas manifestações da Beleza, irá admirar um profissional da palheta que anima as telas, distribuindo as nuances, a gradação dos planos, os coloridos, as miragens-perspectivas, o movimento interior das figuras, de tal forma e com tal vigor, que a nossa análise intelecto-psíquica se toma de sobressalto ao pretender investigar as tendências, os motivos, a estética em que o artista se acrisola, para conseguir o ritmo dos quadros.

Ismael Nery, para nós, e afora o Angelus, um dos íntimos que ele veio encontrar aqui, entre surpresa e encantado, será novidade como interpretação cerebral, nos seus desenhos, nas suas aquarelas, nas suas manchas. Igualmente assim o acolheu a Europa, principalmente a França, onde as suas originais criações venceram a crítica maravilhada e arguta de conscientes e cultos pesquisadores da essência, da lógica, da filosofia e da moral existentes nas obras de arte.

Vivendo no Rio, desta vez lembra-se de vir sentir o esmagamento da província natal. E aqui o temos, paraense convicto e crente de maiores realizações, pelos seus conterrâneos, os quais, numa frase de incisiva oportunidade, são os místicos de instintos polimorfos.

Uma sincera advertência, entretanto, torna-se mister fazer aos críticos, aos amadores e profissionais, sobre a exposição pictural de Ismael Nery. Ela não se adstringe a qualquer das famosas escolas estabelecidas "après la guerre".

Vamos, portanto, examinar os quadros de Ismael Nery, ao serem apresentados ao nosso culto meio, admirador das belas artes, com a idéia simpática e independente de desvendar neles o desdobramento interior de quem os elaborou, dissecando a verdade, o belo, o horrível, o poético, o trágico, e, sobretudo o doloroso sentimento humano de sua arte tumultuada e dinâmica. Ismael Nery, artista que honrou a Amazônia

— • • • —

Vai para um ano que o pintor Ismael Nery, meu amigo de algumas semanas, cerrou os olhos ao clarão final de seu sol. E não fora um necrológico do "Boletim de Ariel", eu não teria notícia do seu sepultamento na aristocrática necrópole carioca.

Artista de extraordinárias concepções, foi em 1929, aqui em Belém, no seu Estado natal, que em poucas horas nos conhecemos, e logo se estabeleceu entre nós uma perfeita identificação moral.

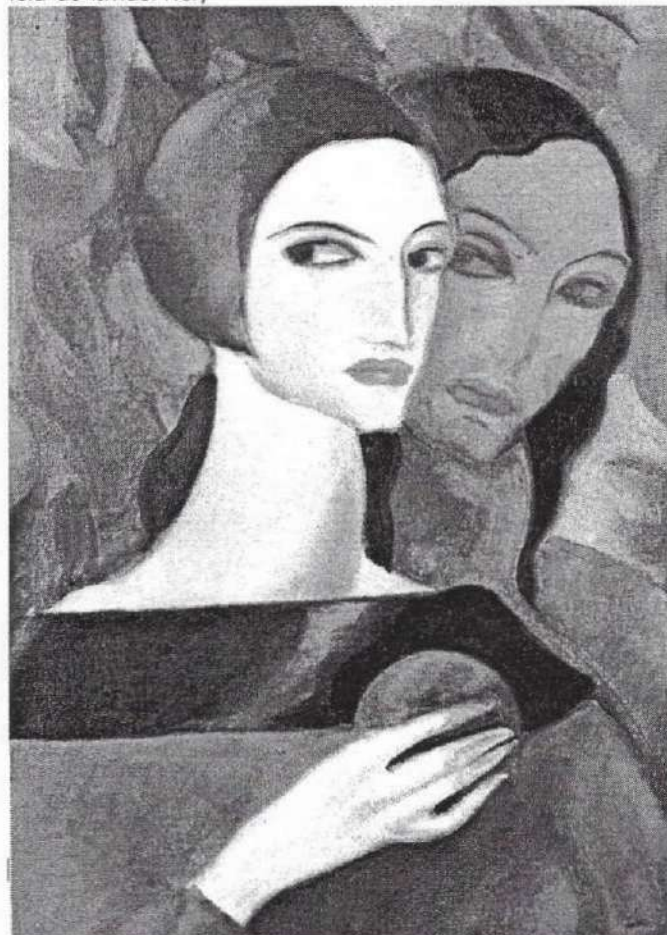
Hospedado num sóbrio e claro apartamento da Pensão Guissa, onde se viam rotulados caixotes de quadros, pequenas telas amontoadas, Ismael Nery recebeu minha primeira visita em companhia de Angelus Nascimento, seu irmão de estesia e saudosa camaradagem das rodas intelectuais do Rio.

Em presença de seu tipo de tropical, de maneiras civilizadas e roupas elegantes, eu senti ainda mais esmagador o meu ingênuo provincianismo. Mas a palestra derivou para assuntos de arte e da Amazônia, de modo que ficamos confraternizados.

Ismael Nery falou dos "salons" do velho mundo, dos independentes avançados, dos renovadores, dos ultraístas alucinados, da regressão dos impressionistas; descreveu, enfim, o delírio em que se debatia a pintura, o desenho, a escultura, a poesia, a música, o teatro e literatura, no panorama cultural do ocidente.

Suspensos nos ângulos do aposento, vários dos quadros em desordem; à luz crua do ambiente, destacaram-se nuances imprevistas, traços de cabeças envelhecidas, caras vincadas de homens do povo, curvas nervosas de ancas e de selos, tétlicas angulosidades de amantes tuberculosos.

Tela de Ismael Nery



Tudo aquilo fora animado pelo seu pincel meio funâmbulo, como um comentário à margem da vida, documentando acentuadas fases de suas largas idéias.

Nesse tempo, o seu inquieto pensamento comprazia-se em focalizar motivos excepcionais. E notando eu a evidente ausência de paisagens e marinhas na discreta coleção de seus trabalhos, Ismael Nery estendeu-se em elucidações desnorteadas sobre esse clássico gênero de pintura.

Por isso que depois de perslustrar os agressivos pagos platinos, dizia de travar com aquela topografia atormentada, de conhecer a humanidade subalternizada que ali formiga, estacionava na sua feroz e bruta Amazônia. Não queria do "hinterland" do Rio Mar a sua selvagem braveza poética, nem a beleza absorvente de seu fantástico panteísmo. Desejava da jungle equatorial o que ela teria de trágico e desesperado com o homem intruso, subjugado pela gleba, oprimido no duro ciclo do seu drama.

Interessava-o unicamente o problema do ser revoltado, sem consciência e sem esperança, com o seu direito de viver dependendo de terríveis circunstâncias biológicas. Assim é que ele entendia o fato Homem, movimentando-se no seu convulso cenário.

Confesso que o julguei impulsionado por um aberrado credo de arte. Que singular teoria seria essa de ir buscar o indivíduo isolado, no exuberante horror de seu meio, desintegrando-o do seu habitat, a fim de plasmar a realidade dolorosa de sua tragédia coletiva?

E só mais tarde, após uma percepção detalhada das figuras, das "almas", dos segredos das telas de Ismael Nery, me integrei no "ego" / superior desse pintor de imagens subjetivas.

Nery, vencidos tantos anos, visitava o Norte, com o amoroso intuito de expor as criações da sua vigorosa cultura. Estivera na Europa, tendo apresentado em França e outros países os seus "estudos", os seus desenhos, as suas estilizações, os seus quadros impressionantes.

Paris, é força dizê-lo, vacilou ante a violência libertária desse espírito emancipado. A crítica, entretanto, se manifestou com veemência, em contraste de opiniões. Estava-se no modismo das escolas que apenas surgem, entram logo no seu crepúsculo. Os grupos, diante da personalidade concreta de Ismael Nery, divergiram nos seus pronunciamentos.

Esse pintor não aparecia de cartaz, nem se infleirava a qualquer "coterie". E os estuistas do cubismo, do surrealismo, do ultraísmo, investigavam qual desses novos cânones o artista brasileiro professava.

Desnortearam. Nery talvez empregasse na sua técnica pessoal certos efeitos daqueles gêmeos cerebrais, mas pintava, sobretudo, com o seu talento, com a sua imaginação quase astral, com o dinamismo ascensional do seu subconsciente. Um criador maravilhado extraindo da natureza o milagre de suas realizações.



Tela de Ismael Nery

E venceu. As escolas e seus adeptos admiraram-no. A sua arte impunha uma individualidade absoluta.

Já se vê que para um nosso conterrâneo, portador desses destacados méritos, cujo nome havia transposto as balizas de sua pátria, seria, no julgar de nossas capacidades, pretensioso e fátuo esnobismo vir mostrar às gentes da planície as suas obras incomuns, celebrizadas no estrangeiro. E raros o compreenderam, poucos penetraram o "élan" vital de suas composições.

Na sua permanência em Belém tivemos longas horas de peregrinação espiritual. Povo curtido dos subúrbios, pobres criaturas das fábricas, canoeiros e estivadores, prostitutas que crêem em santos e são infelizes, igrejas tradicionais, hospitais, mercados, cais do porto, garotos iniciados em antigos vícios todo esse apreciável material humano anotamos juntos, na fisionomia burguesa de nossa verdejante cidade.

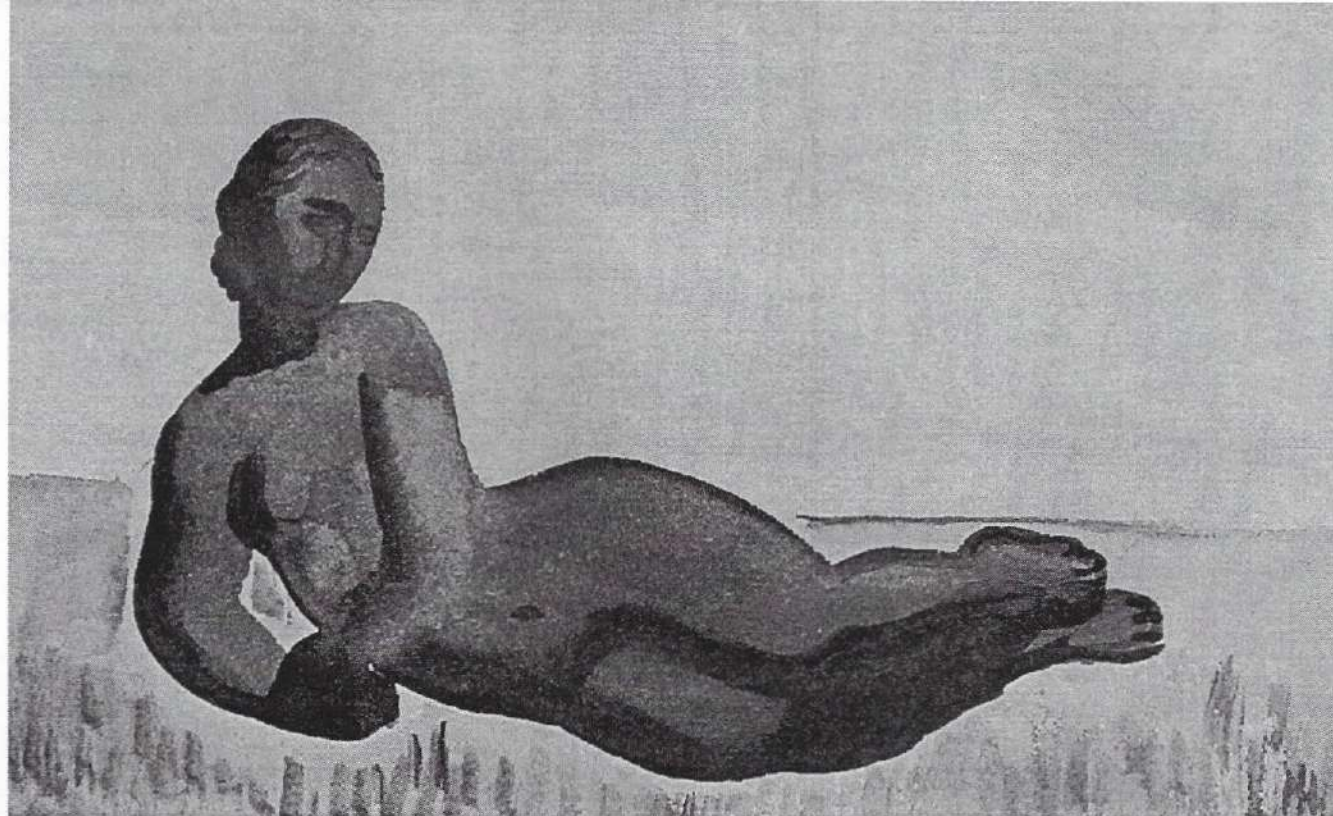
E como Ismael Nery iria inaugurar no hall do Palace Theatre a sua feira de arte, para que as classes mais cultas não nos julgassem sem o sentir, dada a afetividade que então nos unia, lancei por este jornal,

ao apressado alinhavo de um suetto, os conceitos que se lêem:

"A sua maneira de agitar a alma do quadro é toda consequência de abstrações concretizadoras da arte. Ele não anseia e busca a beleza superficial que serve de modelo à cor, às linhas, à anatomia estilística de outros pintores. O seu pincel laiva de tintas a tela, para comentar, para deixar à margem da realidade palpável, o tom claro ou carregado de beleza abscondita, imprecisa, onde ondulada, em fortes agudezas de seios virgíneos, a promessa inicial do sexo".

Os seus operários, as suas cabeças, as suas "irmãs perdidas", não devem ser olhados como trabalhos "futuristas" ou passíveis de se cataogarem entre a "revolução do desenho" que forneceu muitos títulos de sectário dessa ou daquela escola, a pintores de técnica livre.

Andrade Muricy, em sua "Crítica e Antologia" de *A nova Literatura Brasileira*, tratando de Murilo Mendes, dissecou a sua mística, moldando-a a um interessante subproduto de influências sensoriais.



Tela de Ismael Nery

O jovem escritor mineiro, do seu quarto transmutado em cela, trazia as paredes "ferendo numa orgia de arte estranha: telas de Ismael Nery, do rodapé ao teto, sem nenhum interstício. Na mesinha, um belo álbum de desenhos de Nery."

"Aqueles visões do pintor, inquietantemente cerebrais, em que as formas indo sendo suscitadas dum limbo de gênese, ainda imateriais e já participando das vibrações da vida, faziam um mundo de imprecisão alucinatória, de irrealdade vertiginosa em torno do poeta."

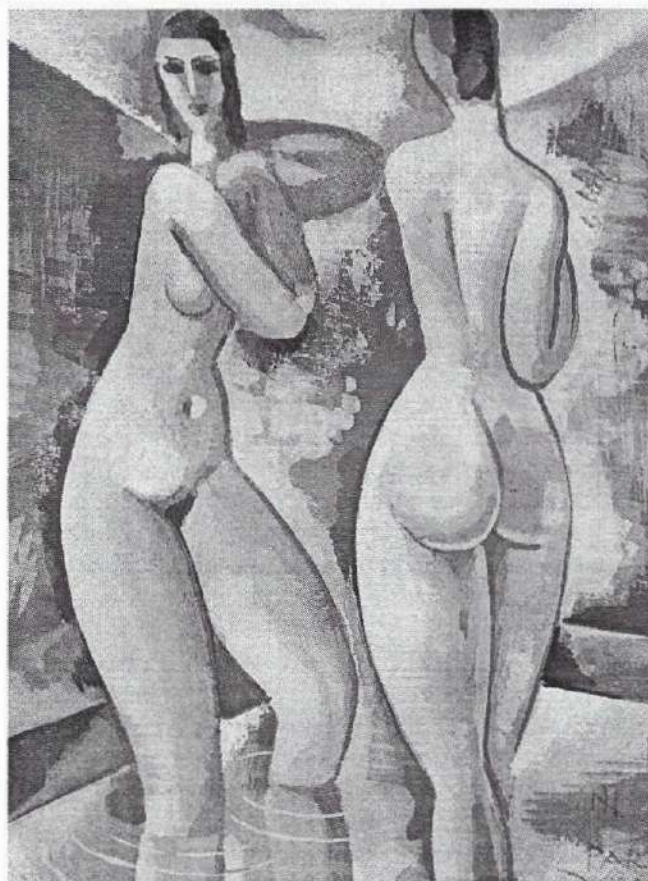
Assim deduziu da arte de Nery e da iniciação de Murilo, o admirável novelista de *Festa Inquieta*.

Doutrinado, porém, pelo surto espiritualista de Jackson de Figueiredo, Tasso da Silveira e outros dessa plêiade insigne, o revolucionário emotivo de *Poemas* evadiu-se daquele convívio de visões entorpecentes e converteu-se às prometidas bem-aventuranças do catolicismo. Aceitou e recebeu em si um Deus. Malgrado essa deserção, o influxo daquelas emotividades despertadas, animava, ainda, o temperamento requintado de Murilo Mendes. E um dia, antes de penitenciar-se, como um incrédulo que vislumbrara a Verdade, ele proclamou, de maneira admirável, o elo de inteligência que o inebriara no idealismo de seu pintor.

A *Saudação a Ismael Nery*, um poema de super-realismo simbólico, refletindo ânsias insopitadas:

"Acima dos cubos verdes e das esferas azuis um desejo magnético sopra o espírito da vida, depois de fixar os contornos dos corpos, transpõe a região que nasceu sob o signo do Amor, e reúne no regaço cheiroso as partes desconhecidas do mundo. É toda a substância anímica que nascia da arte apocalíptica,

frememente em seus complexos, que borbulhava no cerebralismo de Ismael Nery. E é preciso que se tenha em conta o relevo de Murilo Mendes nas letras contemporâneas, para se avaliar da expressiva glorificação destes versos.



Tela de Ismael Nery

Nery, todavia, não se armara nunca em precursor nem prosélito. A sua arte polimorfa não admitia demagogias envolventes. Não aceitava postulados. Definia-se como um eleito da sabedoria pura.

Houve quem vislumbresse um vago bolchevismo eclético, embora construtor, na sua forma especial de criar, o que denunciava a sua fuga permanente para o abstrato, pois o trivial o horrorizava e ele aspirava druidicamente a uma luz inédita.

Dá a sua insatisfação de viagens, a sua intoxicação de livros e de doutrina de religiões e de ciências. A sua angústia de um Lusbel de asas pulcras, só se materializava nas suas telas.

Para um reduzido número de autênticos investigadores de suas tendências, Ismael Nery estaria no mesmo plano da pré-história dos neo-primitivistas estudados por José Caó, nas figuras exóticas, de um cunho às vezes espectral, feitos por Boris Grigoriev.

Outras, em oposição, afirmavam a existência de uma eclosão instintiva em tudo quanto saía do cérebro de Ismael Nery. Mas o verídico é que a sua pintura brotava espontaneamente, fluía dos subterrâneos do seu psiquismo, como diria um freudiano.

Nery deixou seus fabulosos tesouros de inteligência, dispersos em quadros magistrais. Esbanjou a sua arte e a sua alma. Felizmente, o que constituiu a auréola de sua personalidade como artista, não foi entendido nem premiado pela vulgaridade.

Convém, assim, consignar nestes períodos, o pasmo dos nossos virtuosos de pintura, desabitados àqueles painéis, vividos como que numa apoteose interior.

Na Amazônia, os orientadores de aquisições para as pinacotecas oficiais decepcionaram-no, não obstante ser Ismael Nery um verdadeiro talento de vanguarda, na evolução mentalizada das artes plásticas no país.

É toda a substância anímica que nascia da arte apocalíptica, fremente em seus complexos, que borbilhava no cerebralismo de Ismael Nery. E é preciso que se tenha em conta o relevo de Murilo Mendes nas letras contemporâneas, para se avaliar da expressiva glorificação destes versos.

Os amadores e os diletantes experimentaram momentos de cogitações indecisas, ante a genial loucura de Hamlet, e em frente à amargurada renúncia do Penitente. Reconheceram também alcoólatras e famintos na agonia da máscara de Typos. Anotaram a arrepiante anormalidade deformadora da anatomia das Irmãs Perdidas.

O certame, sempre concorrido, durou de 7 a 15 de setembro de 1929. O público chegava, tomava atitudes de entendido, os quadros iam ficando, continuando a decorar as paredes do hall do Pálace, numa soberba alegoria de tintas.

Os visitantes discutiam, examinavam as telas e saíam, como se gozassem um curioso passatempo. E

só. Suportavam com elegância o que exige mentalidade e entendimento, para ser interpretado.

Constou-me, com aplausos, que um educado espírito feminino possui em Belém escolhidos quadros de Ismael Nery. Já é uma compensação, pois quem sabe, sejam os únicos.

Os nossos homens públicos, por demais acolhedores, apesar de o artista manifestar desejos de colocar um de seus trabalhos na galeria de sua terra, aguardaram para mais tarde atendê-lo.

Inferno aos calculados interesses materiais, não seria um cheque, como alegava Ismael Nery, que iria recompensar os seus méritos. Sobejamente o confortaria deixar, no seu torrão nativo, um florão, por modesto que fosse, de sua arte tão dissentida.

E Nery partiu. Abraçou-nos a todos cordialmente. Via-se que não culpava a terra.

Levaria daqui, como um precioso acervo de recordações, dezenas de esboços interrompidos, rápidas cenas de rua, com trabalhadores e vadios, embarcadiscos e curibocas, totens de barro cozido, feitos pelo rudimentarismo dos oleiros caboclos. Coisas nossas, legitimamente paraenses, características e típicas.

E embarcou. Singrou novamente o dorso verde do Atlântico, de regresso aos esplendores da pitoresca Guanabara. E foi ficando por lá, até que o Eterno Silêncio imobilizou o seu pulso para sempre.



Tela de Ismael Nery